

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM DUQUE DE CAXIAS/RJ: núcleos de formação e resistência

***Community Libraries in Duque de Caxias/RJ: centers of training and
resistance***

*Roberta Renoir Santos Fumero¹
Bruno Cardoso de Menezes Bahia²*

Resumo: O presente artigo pretende detalhar e discutir a experiência de estágio pedagógico (parte curricular do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola/ UFRRJ). Será apresentado o trabalho de formação antirracista desenvolvido com educadores de uma biblioteca comunitária de Duque de Caxias/ RJ. O escopo teórico do trabalho trás autoras negras como: Conceição Evaristo, Carolina M. de Jesus, Suely Carneiro. A metodologia se apoia no conceito de Escrivência, cunhado por Evaristo em suas obras literárias.

Palavras-chave: Educação popular; Formação antirracista; Bibliotecas comunitárias.

Abstract: This article intends to detail and discuss the pedagogical internship experience (curricular part of the Postgraduate Program in Agricultural Education/ UFRRJ), showing the anti-racist training work developed with educators from a community library in Duque de Caxias/ RJ. The theoretical scope of the work brings together black authors such as: Conceição Evaristo, Carolina M. de Jesus, Suely

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares / UFRRJ. E-mail: robertarenoirfumero1973@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5629086290070453>

² Doutor em Educação. Professor Adjunto / UFRRJ. E-mail: brunobahia@ufrj.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0728241677912831>

Carneiro. The methodology is based on the concept of Writing black experiences, coined by Evaristo in her literary works.

Keywords: Popular education; Anti-racist training; Community libraries.

INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos uma conjuntura de reestruturações, as quais acontecem nos mais variados segmentos da sociedade. No contexto econômico, as questões ligadas à empregabilidade são modificadas (Reforma da previdência), tornando as relações trabalhistas instáveis e afetando o desenvolvimento do país. Confrontamo-nos com a política de um governo totalmente autoritário, que impõe uma organização político-administrativa que se afasta das garantias de direitos primordiais dos cidadãos. Na esfera da cultura, das comunicações, da religiosidade, da raça e gênero são colocados padrões e valores previamente estabelecidos e que devem ser cumpridos. Além disso, vivemos recentemente a realidade de uma pandemia, algo que nos coloca imersos em mudanças sociais, econômicas e políticas radicais.

Esse é um quadro em nível mundial e que assume diferentes nuances a depender do país. Essas nuances têm sido vividas de forma contundente no Brasil. Tal fato torna urgente a perspectiva de ampliação do debate sobre problemáticas como Meio Ambiente, Educação, Raça e outras, possibilitando uma maior conscientização, que pode e deve ser impulsionadora de ações transformadoras.

Sabemos que o termo negritude vem adquirindo diversos “usos e sentidos” nos últimos anos. Com a maior visibilidade da “questão étnica” no plano internacional e do movimento de afirmação racial no Brasil, o termo negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve

de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. Portanto, negritude é um conceito multifacetado, que precisa ser compreendido à luz dos diversos contextos históricos.

Temos que nos estabelecer como um grupo, o qual, para ser respeitado e valorizado, necessita estar consciente da sua trajetória histórica, deve dimensionar suas principais contribuições e consequências desse caminhar histórico. Assim, é possível efetivamente conduzir lutas em busca dos seus direitos.

Dentro desse contexto, inúmeras ações são implementadas no sentido de oferecer suporte sociocultural às zonas periféricas das nossas cidades. Logo, a proposta do trabalho em questão tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido em uma Biblioteca Comunitária, no município de Duque de Caxias/Rio de Janeiro, e refletir sobre as possíveis contribuições para o desenvolvimento de atividades que fomentem estratégias de melhoria social. Intenta-se, neste mesmo sentido, contribuir para o processo de formação continuada dos educadores populares da Biblioteca, divulgando as atividades desenvolvidas pelo Centro Cultural Comunitário Chocobim Biblioteca MANNS, assim como, também, colaborar com a organização de eventos que fomentem o debate sobre problemas etnorraciais e gênero.

1. CENTRO CULTURAL COMUNITÁRIO CHOCOBIM

A iniciativa de criação do Grupo Comunitário Chocobim, em 1998, partiu de Maria do Carmo da Silva Miranda, vulgo Chocolate, pessoa que teve grande inserção comunitária durante a sua vida e atuação no

Movimento da Igreja Católica, onde, desde a adolescência, trabalhava com o objetivo de contribuir para a sua comunidade.

A comunidade do Parque João Pessoa/Saracuruna e adjacências é desprovida de área de lazer, posto médico, supermercados, creches, entre outros. As escolas públicas e estaduais e os postos de saúde, por se localizarem longe da comunidade, dificultam o acesso da população, o que gera muitas vezes sérios problemas. Em suma, é um povo muito sofrido, com pouca consciência de seus direitos. As crianças, adolescentes e jovens são os que mais sofrem diversas situações de violência, encontrando-se em situação de grande vulnerabilidade social.

A partir de 1999, já com o grupo criado, com a ajuda de adolescentes, jovens e adultos da mencionada localidade, iniciou-se um trabalho que tinha como objetivo tornar os cidadãos conhecedores dos seus direitos e deveres, de modo que sejam reconhecidos como pessoas portadoras de dignidade, responsabilidade e respeito aos outros. É fundamental que todos possam vislumbrar um futuro melhor, assim como os seus familiares. Na época eram realizadas palestras em escolas e um trabalho de orientação familiar somente.

Nos anos de 2000/02, a coordenadora do grupo Chocolate fez parte da equipe do projeto Lecriarte do PROFEC como educadora social. Tal instituição, com o apoio do IC&A, num projeto cujas atividades eram voltadas para a arte educação, foi capacitada em serviço conjunto com os profissionais do TEAR, por meio de uma formação inicial e continuada da referida Instituição. As atividades nesse projeto eram: teatro, música, esporte e outras.

Nos anos seguintes, o Grupo atuou em diversas outras atividades, como: oficinas de leitura, contação de histórias para crianças e adolescentes (06 a 16 anos) da comunidade; esporte; apoio e

orientação às famílias por meio de palestras, reuniões, oficinas diversas e encontros. A partir de 2005, passamos a contar com a assessoria da área de educação da ONG PROFEC (Coordenadora e Assistente Social Shirley Garrido), que acontecia mensalmente por meio das reuniões mensais. O objetivo era capacitar o grupo para que, aos poucos, acontecesse uma melhor organização. Estabelecia-se uma orientação para realizar o monitoramento, acompanhamento e avaliação das atividades executadas. A perspectiva, além da orientação, era contribuir para a formação política/cidadã do grupo.

Nos anos de 2009/10, o Grupo Comunitário Chocobim foi beneficiado pelo PROFEC, o qual havia estabelecido uma parceria com a Casa da Moeda do Brasil e o Instituto Sadia. Este, por sua vez, estendeu para o espaço um braço do projeto, concedendo uma ajuda financeira e o aumento das atividades e do público atendido. Durante esse tempo, também ocorreu a filiação à ONG Ação da Cidadania. Logo, a instituição passou a integrar o Comitê de Educação e Cultura e a receber acompanhamento e doações na época do natal, no dia das crianças e em outras datas comemorativas. Tais doações sempre foram revertidas à comunidade.

Atualmente, o centro participa do Projeto Polo de Leitura – Tecendo uma Rede de Leitura de Duque de Caxias, que surgiu em outubro de 2012, ocasião em que cinco instituições sociais de atendimento à criança e ao adolescente - ONG PROFEC - Programa de Formação e Educação Comunitária, Biblioteca Comunitária de Vila Aracy, Biblioteca Comunitária Solano Trindade, Grupo Comunitário Chocobim e Igreja Ortodoxa N. Sra. das Neves e São Lázaro - se juntaram para a elaboração, desenvolvimento e gestão de um projeto coletivo de promoção da leitura. A finalidade do projeto era potencializar ações

específicas nos bairros de Jardim Primavera, Saracuruna e Parada Angélica, incluindo acesso gratuito ao livro e à leitura através de atividades culturais, educativas e de lazer. O projeto também foi uma parceria com o Instituto C&A de Desenvolvimento Social no Programa Prazer em Ler - PPL.

Depois de tanto tempo na caminhada, entre conquistas e obstáculos, o núcleo comunitário está em vias de registro para se tornar um grupo mais autônomo, sem perder de vista a verdadeira identidade que sustenta o trabalho, que é a valorização da comunidade e a busca por cidadania.

2. BIBLIOTECA MANNS (Mulheres Amorasas Necessitadas de Navegar em Sonhos)³

Pelo fato do Grupo Chocobim não possuir uma sede desde a sua criação, o funcionamento ocorreu durante muito tempo em espaços cedidos diversos, como residências de alguns moradores e área na Igreja Católica Divino Espírito Santo. Após perceber a necessidade de criar uma identidade, como não havia recursos para locação ou compra de um espaço, a solução foi utilizar a própria residência da idealizadora do grupo, que abriu mão de sua privacidade em prol de um sonho.

O grupo, de 2003 a 2012, se reuniu e executou suas atividades na varanda inacabada de sua casa, que foi coberta com uma grande lona. As paredes, ainda de tijolos sem reboco, cobertas por TNT colorido, davam o tom da animação do grupo e da vontade de ajudar o outro. Juntos, conseguiram benefícios para todos. Para driblar a falta de

³ Integrante de [Tecendo Uma Rede de Leitura - RJ](#)

recursos, criou-se um carnê em que amigos doavam a quantia que podiam mensalmente para custear as principais necessidades do grupo: lanche para as crianças (quando não se conseguia por doação); fazer fotocópia; pagar a conta de telefone; comprar material didático para executar uma atividade/ação, etc. Como as doações não eram sempre no mesmo valor, havia meses em que o recurso não dava para cobrir os gastos e, então, eram feitas rifas com produtos doados, confecção de artesanato para venda e outras formas criativas para se levantar recursos.

Em 2009, participando do projeto de educação do PROFEC e da Ação da Cidadania, conseguiu-se melhorar o atendimento. Foi doado um pequeno acervo de cerca de 350 livros não catalogados de literatura, didáticos para pesquisa e alguns periódicos dessas instituições, estante não fixas, tapetes, almofadas, carrinhos de leitura, etc. Desde essa época, são utilizados alguns instrumentos de monitoramento, como: listas de presença dos frequentadores do espaço de leitura, listas com data de empréstimo e retorno do livro, nome do livro, autor; relatórios mensais que eram repassados para a coordenadora de Educação do PROFEC, responsável por sistematizar os dados.

O espaço foi denominado nessa época de Cantinho de Leitura, onde não só o público-alvo tinha acesso, mas, também, toda a comunidade. O Cantinho da Leitura destinava-se à pesquisa, consulta, empréstimo e leitura de livros, realização de oficinas de leitura, contação de histórias para crianças e adolescentes (06 a 16 anos) da comunidade. Com o nosso trabalho, muitas pessoas se sentiram estimuladas a doar livros usados. Para tanto, começamos a criar critérios para eliminar

aqueles livros que não serviriam ao trabalho, entre eles: o estado de conservação dos livros e a categoria deles (os didáticos, por exemplo).

O sonho de ter um espaço próprio sempre se fez presente. Desde o início da caminhada, quando o sonho começou a se tornar possível, a instituição foi convidada pelo PROFEC a fazer parte de um grupo de cinco instituições (ONG PROFEC, Biblioteca Comunitária de Vila Aracy, Biblioteca Comunitária Solano Trindade, Grupo Comunitário Chocobim e Igreja Ortodoxa N. Senhora das Neves e São Lázaro), as quais redigiriam um projeto coletivo para o Instituto de desenvolvimento C&A – Programa Prazer em Ler do PPL. O edital para polos de leitura saiu no final de 2012 e a aprovação resultou em muita alegria para os envolvidos. Era o começo da realização de um sonho que ia se concretizar. O trabalho foi intenso, o espaço foi equipado com computador, impressora, mesas e cadeiras, bebedouro, várias estantes de ferro altas e baixas. No mês de dezembro de 2013, o espaço da Biblioteca Comunitária do Chocobim foi inaugurado.

Se estabelece no trabalho a real efetivação do acreditamos ser amor (que classificamos como amor que transcende a mera fala, ou discurso). É ação.

O real do discurso de amor é o real próprio da linguagem, é aquele é feito na relação entre história, os modos de produção próprios a essa história, que sempre se encontra e se organiza em um determinado tempo e espaço. (ORLANDI, 1990, p. 75)

Depois do espaço montado, a comunidade que antes já ajudava no trabalho passou a frequentar mais e, aos poucos, passaram a se apropriar dele. Todos os dias, leitores, visitantes, etc. eram recebidos. Nossos apoiadores passaram a acreditar ainda mais na nossa proposta e, com isso, recebemos muitas doações: brinquedos, variedade de livros novos e usados, móveis, etc. O muro e a calçada da Biblioteca foram

construídos em mutirão pelos familiares das crianças. A laje também já foi erguida através de doação.

Quadro 1 - Quadro administrativo e funções

Quadro administrativo e funções		
	Número de pessoas	Funções / Atividades
Coordenação da instituição	1	Responsável pela gerência das atividades desenvolvidas na instituição.
Educadores voluntários	10	Participam das implementações dos projetos. - Contação de histórias. - Empréstimos de livros. - Mapeamento de famílias necessitadas e distribuição de cestas básicas e outros produtos.
Atendidos pelo projeto	10 famílias de crianças especiais 150 famílias fornecimento de cestas básicas 60 crianças nas rodas de incentivo à leitura	São acolhidas pelos projetos implementados pelos educadores voluntários.

Fonte: pesquisa realizada pelos autores

As principais atividades da biblioteca se vinculam à difusão da literatura e à sua utilização como instrumental de debate, incluindo ações como oficinas de poesias e desenhos livres, empréstimos de livros e leitura livre. São oferecidas também aulas de capoeira. Isso ocorre em conjunto com o trabalho comunitário, relacionado ao atendimento de crianças especiais e seus responsáveis, entrega de cestas básicas e doações para comunidade.

Ao longo do ano, várias ações foram surgindo para suprir as demandas da população local. Deve-se considerar que a instituição é referência e ponto de apoio comunitário. Nesse momento pandêmico, quando as necessidades são extremas, essa característica só evidencia que ações dessa natureza precisam ser mais frequentes. No segundo semestre de 2020, a instituição ganhou um auxílio financeiro do programa Caldeirão do Huck, destinado à ampliação da sede, visando à construção de novas salas e à melhoria da infraestrutura.

O período de multi situações na instituição e o momento de extrema vulnerabilidade fizeram com que as restrições sanitárias fossem impostas fortemente. A população cada vez mais necessitando de apoio e obras acontecendo dentro do ritmo possível traduziam aquela máxima de que quem trabalha com o povo, para o povo não pode parar. O Centro Comunitário segue atuando dentro das suas possibilidades, tentando suprir as demandas crescentes da comunidade.

3. PENSANDO METODOLOGIAMENTE A NOSSA ESCRIVIVÊNCIA

Conceição Evaristo nos trás o conceito de Escrevivência, o termo vem sendo discutido por estudiosos e críticos da literatura afro-brasileira, geralmente em referência à obra literária da escritora. Em vários estudos e reflexões, a palavra assume uma gama de significados nem sempre relacionados com o processo de formação lexical que nele se mostra. Morfologicamente, decorre da associação entre “escrever” e “viver” e dos sentidos permitidos pela expressão “escrever vivências” ou mesmo de escrever fatos vividos pelo eu que os recupera pela escrita.

A escrita da autora é carregada de toda a condição histórica, socioeconômica e cultural da população negra, além de um olhar muito específico e profundo para as condições da mulher negra no nosso país.

A condição de mulher, negra, de origem das classes populares traz um caráter de autenticidade e de verdade nos seus textos, que torna suas obras fontes de reflexões profundas acerca das temáticas vinculadas à negritude, além de contribuírem para o aumento da representatividade do povo negro.

Desde o início dos anos 1990, Evaristo tem construído uma literatura que transita do poema para o conto e deste para o romance. Sua produção poética é marcada por certa diversidade temática. A princípio, destaca-se a presença de uma voz feminina que promove a denúncia e a reflexão, exalta a memória – afetiva ou étnica – como instrumento capaz de constatar fatos pessoais ou histórico-sociais e canta a religiosidade híbrida brasileira, tudo isto no intuito de inscrever textualmente a realidade social e cultural dos afrodescendentes. Essa voz se faz audível ao abordar os aspectos da vida cotidiana da mulher, com seus dilemas e angústias, diante de uma sociedade marcada pelos valores patriarcais.

Sabendo que é possível à obra (re)construir a vida, através de “pontes metafóricas”, pelo projeto literário de Conceição Evaristo vislumbram-se pistas de possíveis percursos e leituras de cunho biográfico. Os temas ficcionais e poéticos da autora são diversos, mas a poética de Evaristo é conduzida principalmente pelo eu-lírico e personagens de mulheres negras. A autora cunhou o termo “escrevivências” para nomear seu procedimento narrativo: misturando invenção e fato. “Escreviver” é contar, a partir de uma realidade particular, uma história que aponta para a coletividade. Segundo ela, “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”.

Evaristo (2016) detalha o conceito de escrevivência nos trazendo reflexões como:

Gosto de ouvir, mas não sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto da minha mão a correr sobre meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar essa escrevivência.

A escrita de Evaristo é um reflexo desse pensamento, que mistura a representação do outro com o cotidiano e a realidade de cada momento. Nessa narrativa então não cabe uma “verdade”, algo único ou acabado; no caso as obras da autora (sua literatura) são formas de capturarmos e detalharmos elementos representativos do povo negro.

Escrevivência é o elemento que permeia toda a obra de Conceição do Evaristo. Oliveira (2009) detalha um pouco mais esse conceito:

A obra se constrói, então, a partir de “rastros” fornecidos por aqueles três elementos formadores da escrevivência: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. E representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão narrativa (OLIVEIRA, 2009, p. 622).

Essas são perspectivas relevantes ao discutirmos o pensamento de Evaristo; escrever ou narrar é um caminho potente de historicidade, de autoafirmação de um povo e conscientização quanto às suas lutas. Tais elementos se concretizam nas trajetórias das mulheres apresentadas pela autora e se misturam com sua própria vivência.

São marcadores determinantes da produção de Evaristo a *história*, a *memória*, a *ancestralidade* que envolvem a construção cultural do povo negro, seja em suas terras de origem, seja no Brasil. Conceição do Evaristo tem esse veio afrodescendente que mescla história não oficial, memória individual e coletiva com invenção literária. São muitos aspectos que contribuem com essas construções, como, por exemplo, a ancestralidade, que é uma das bases para a formação de tais memórias. Ela apresenta historicidade através do recontar suas histórias, se estabelecendo, assim, as identidades.

Tendo essa perspectiva de que as narrativas são importantes instrumental de aprofundamento dos debates em torno das questões de negritude e para se traçar ações, pensamos num projeto que trouxesse autoras negras e que as participantes tivessem a oportunidade de contar e ressignificar suas histórias, oportunizando novas práticas.

4. FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Nosso trabalho inicial foi a implementação de uma formação para as educadoras da instituição. A abordagem utilizada assentou-se na ideia da construção de uma sociedade antirracista, do incentivo ao empoderamento feminino negro e de debate das ações comunitárias dentro das regiões periféricas da nossa cidade.

A proposta do primeiro encontro se concentrou na ideia de IDENTIDADE. A ocasião serviu para nos conhecermos, para revisitarmos nossas histórias de vida e para nos interligarmos com as questões de negritude e trabalho social.

Na estruturação do trabalho a perspectiva de Hall (2006), traz em contribuições para questões de identidade cultural na pós-modernidade, apontando os seguintes elementos:

A questão de identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

A base teórica da formação é sustentada por autoras negras (Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzales e outras) contudo cabe mencionarmos outros autores que auxiliam a dimensionarmos determinados conceitos.

Ainda nesse encontro o grupo recebeu um diário (caderno de anotações) para fazer as atividades e narrar as suas impressões sobre todo o processo. De alguma forma, estamos construindo um arquivo de memória dos sujeitos envolvidos e do trabalho como um todo.

Em nossa segunda reunião, problematizamos o espaço ocupado pelas mulheres no trabalho social, incluindo suas referências e ações.

Cada educadora pôde expor um pouco da sua trajetória na instituição, motivações. Aproveitamos a oportunidade para discutir o que é trabalho social e a sua importância, principalmente no contexto atual, a partir do pensamento de Freire (1996, p. 13), pois, segundo ele, "a

educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”.

No terceiro encontro, apresentamos o conceito de “lugar de fala”, sob a perspectiva de Djamila Ribeiro – filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. Trabalhamos com fragmentos do livro homônimo da mencionada autora. Inicialmente, as educadoras foram divididas em pequenos grupos destinados à leitura de partes do texto; depois, numa roda de conversa, as participantes tiveram a oportunidade de falar sobre o entendimento desse conceito e interligá-lo com a sua realidade. Esse é um processo significativo, pois passa pelo conhecimento de quem “fala”. É fundamental analisar as possíveis razões para tal “fala” e entender como essa “fala” pode direcionar certas ações. Ribeiro (2019b) afirma que o conceito

de lugar de fala discute justamente o *locus social*, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo – dependendo de seu lugar na sociedade – sofre um obstáculo ou é autorizado e favorecido (RIBEIRO, 2019b, p. 35).

Ribeiro (2019a) apresenta sua inspiração no pensamento de autoras como Lélia Gonzales e Linda Alcoff, que mencionam alguns pontos relacionados à configuração desse local de fala, nessa identidade.

Existe a necessidade de rompimento com a epistemologia dominante e de fazer o debate sobre identidades pensando o modo pelo qual o poder instituído articula essas identidades de modo a oprimir e retificá-las. Pensar lugares de fala para essas pensadoras seria desestabilizar e criar fissuras e tensionamentos a fim de fazer emergir não somente contradiscursos, posto que ser contra ainda é ser contrária a alguma coisa. Ser contra hegemônica ainda é ter como norte aquilo que me impõe [...] visam pensar outras possibilidades para além das impostas pelo regime discursivo dominante (RIBEIRO, 2019a, p. 89).

Organizou-se o quarto encontro, um Café Literário, realizado se forma remota, por meio de plataforma digital para se organizar a

comemoração dia da Consciência Negra (20/11) e planejamos ações de celebração e reflexão, as quais foram implementadas pela instituição nesse período. Nessa reunião delineamos ações de celebração da cultura afro-brasileira. Estamos efetivando a aplicação da lei 10.639/03 nos diversos níveis de formação.

A perspectiva da formação era contribuir para que as participantes aprofundassem os debates sobre questões étnico-raciais e gênero, propondo uma inserção mais efetiva nos trabalhos sociais, além da contextualização teórico-prática de ações implementadas pelo Centro Cultural. O trabalho deve ser contínuo, pois não se esgota com estes breves encontros. São passos importantes para o redimensionamento e o melhor desenvolvimento do trabalho como um todo.

5. DESDOBRAMENTOS E TECITURAS

Tivemos a oportunidade de desenvolver alguns projetos, para além da própria pesquisa, junto a equipe do Centro Comunitário e implementado dentro das celebrações da cultura afro-brasileira.

No dia 22/11, na parte tarde, participamos de um evento conjunto com a Rede Bibliotecas Comunitária - Tecendo Uma Rede de Leitura, com debate em torno de questões sobre feminismo, negritude e escrita - (CARNEIRO, 2019); (EVARISTO, 2017); (hOOKS, 2017) ou seja, mulheres negras que estabeleceram a escrita como forma de reflexão, resignificação e luta.

Na mesma data, porém a noite, o Centro Comunitário organizou uma live em homenagem às mulheres (as lideranças femininas) que foram referências para o surgimento e continuidade da instituição.

No final de novembro, celebramos com as crianças da instituição, as quais foram convidadas a tomar café com a equipe do Chocobim. O encontro foi repleto de brincadeiras e leituras de histórias. Foi um momento de interação e diversão entre todas e todos.

No início de dezembro, foi realizada uma live com o tema Colorismo e Juventude. O colorismo é uma temática bastante presente nos debates sobre as questões étnico-raciais brasileiras e internacionais. O colorismo⁴ ou a pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele, situações comuns nos países que sofreram a colonização europeia e nos países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer. O tema foi uma solicitação das educadoras mais jovens da biblioteca, sendo a live uma proposta para aprofundar o assunto.

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí porque a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim século XIX e que repercutiu até meados do século XX. (MUNANGA, 1999, p. 51)

Como encerramento da programação de ações de celebração e reflexão sobre uma sociedade antirracista, foram lidos poemas, histórias e partilhados depoimentos dos membros da comunidade sobre as ações do Centro Cultural.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho fez parte de um componente obrigatório de estágio de docência, como requisito obrigatório para obtenção do grau

⁴ O termo colorismo foi usado pela primeira vez pela escritora Alice Walker no ensaio "If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?", que foi publicado no livro "In Search of Our Mothers' Garden" em 1982.

de mestre no Programa de Pós-Graduação de Educação Agrícola, integrando as bases teóricas estudadas ao longo do curso com a prática aplicada em variados núcleos educacionais. É uma importante oportunidade de conhecermos, analisarmos e refletirmos sobre as ações, atividades e metodologias que são desenvolvidas em nosso meio social.

Nossas trajetórias profissionais são dedicadas aos jovens da Baixada Fluminense. Este é um território marcado por controvérsias, que traz na sua essência uma gama de desigualdades. São faces de uma população historicamente explorada e colocada num lugar de desvalorização, à margem dos principais direitos humanos de existência.

Falamos de uma Baixada que reconhece suas dificuldades (altos índices de violência, deficiência ao sistema público de educação e saúde, altos preços e qualidade precária de transporte público), mas que, ao mesmo tempo, trabalha, estrutura projetos sociais, debate e faz cultura com o intuito de lidar com seus desafios. Um trecho da crônica de Rosane Albuquerque retrata esse território feito de tantas ambiguidades.

Quem nasce na Baixada deve ser considerado um ser especial longe e perto, violento e acolhedor, caos e ordem. Tem em suas ruas, rios e estradas. É terra de todos e de ninguém. Nasci aqui, marcada pelo sal, sol e abandono que essas terras possuem. [...] (ALBUQUERQUE, 2020, p. 94).

A presente experiência evidenciou a importância da formação continuada de professores por meio de uma educação antirracista e anti-hegemônica que se constrói junto e além dos muros da escola. Ela precisa se conectar com a garantia de cidadania.

Destacamos a necessidades dos trabalhos como os realizados pelo Centro Cultural Chocobin - Biblioteca Comunitária MANNS que apresentam um papel essencial para a população. Esses trabalhos são instrumentos de manutenção da sobrevivência, da comida distribuída, do conseguir apoio no deslocamento para consulta médica, da gestão

de necessidades urgentes de uma população tão excluída dos direitos básicos.

Portanto, esperamos que este breve trabalho possa estimular outras formas de valorizar o trabalho educativo-social cada vez mais necessário nas comunidades da Baixada Fluminense.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R. Aquela que nasceu sem cor. In: MINA, Priscila (Org). **Vozes da resistência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2020.

BRASIL. **Lei 10.639/2003 (lei ordinária) de 09 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira" e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 21 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645/2008 (lei ordinária), de 10 de março de 2008**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira e indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 21 fev. 2024.

BRASIL. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Brasília: SECAD; SEPPPIR, jun. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 fev. 2024.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CUNHA, V. **Coração em Palavras**. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2019.

- CUNHA, V. (Org.). **Mulheres do Ler**. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2020.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- _____. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- _____. **Poemas da recordação** e outros movimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- _____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; FBN, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- MINA, P. (Org.). **Vozes da resistência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2020.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ORLANDI, E. P. Palavra de amor. **Cadernos de Estudos da Linguagem**, Campinas, (19): 75-95, jul./dez. 1990.
- RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019a.
- _____. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

FUMERO, R. R. S.; BAHIA, B. C. de M. Bibliotecas comunitárias em Duque de Caxias/RJ: núcleos de formação e resistência. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, nº 21, jul-dez/2024, p. 31-50.